Teoria da "Prioridade do Aramaico"

Wilbur N. Pickering, ThM, PhD

Satanás nunca cessa seus ataques contra a autoridade objetiva da Palavra de Deus; isso começou lá no Jardim: "É assim que Deus disse?" Há dez anos recebi a seguinte mensagem de um correspondente na Ásia:

> Recentemente, deparei-me com alegações feitas por esse movimento chamado Raízes Hebraicas. Uma de suas afirmações era a de que o Novo Testamento não foi escrito originalmente em grego, mas sim em aramaico e hebraico. Eles alegavam que, como os manuscritos gregos eram "traduções", não podiam transmitir plenamente a mensagem do Novo Testamento; portanto, seria melhor utilizar traduções para o inglês a partir do aramaico/hebraico — isto é, da Peshitta. [Essa ideia ainda não circula?]

Para começar, Jesus falava e ensinava em hebraico (não em aramaico). Quando o Jesus glorificado apareceu a Saulo, dirigiu-se a ele em hebraico (Atos 26.14). Quando Paulo falou à multidão, fê-lo em hebraico, o que significa que era esse o idioma falado pelo povo (Atos 22.2). De forma ainda mais enfática, Pilatos mandou escrever o "crime" de Jesus em hebraico (João 19.20). Se o idioma predominante na região fosse o aramaico, Pilatos certamente o teria utilizado. Quando Pedro negava Jesus, seus acusadores apontaram seu sotaque galileu, e não um idioma diferente. Afirmar que "hebraico" não significa "hebraico" é incorrer em petição de princípio. Presumivelmente, o Espírito Santo teria plena capacidade de escrever *Aramaisti*, se assim o desejasse. Caso alguém se ofenda com a minha invenção do termo *Aramaisti* — para o qual ainda não temos nenhum exemplo conhecido — que tal o *Syristi* em Daniel 2.4 (LXX)? Por que o Espírito Santo não utilizou esse termo, se era isso o que Ele pretendia dizer (Tito 1.2)?

Devo a discussão a seguir ao Dr. Louis R. Tyler (comunicação pessoal).

> Em Marcos 4.4, Jesus, ao falar às multidões na Galileia, diz: και εγενετο. Trata-se daquela expressão hebraica não-grega, não-aramaica e não-mishnaica que é tão comum no hebraico bíblico, ויהי, o *waw* consecutivo com o imperfeito, que constitui o tempo verbal narrativo do hebraico bíblico.
>
> Então, em Lucas 22.15, nosso Senhor, ao derramar o coração diante dos discípulos, utiliza a construção de infinitivo absoluto com um verbo finito (traduzida para o grego); novamente uma expressão idiomática que, no original, só poderia ser hebraico com estilo bíblico: επιθυμια επεθυμησα. Essa construção também aparece nas palavras de João Batista em João 3.29: χαρα χαιρει, bem como na fala dos líderes judaicos em Atos 4.17: απειλη απειλησομεθα.

> Suspeito que parte do que é traduzido como aramaico possa, na verdade, ser uma mistura de hebraico e aramaico. E, certamente, o hebraico falado no primeiro século continha uma quantidade considerável de empréstimos do aramaico. ... Talvez Jesus, por meditar dia e noite nas Escrituras em hebraico (assim como João Batista e os líderes judaicos), falasse um hebraico com estilo bíblico numa época em que a língua comumente falada era o hebraico mishnaico.

Ora, qualquer pessoa que ouvisse Jesus e fizesse anotações na hora as teria feito em hebraico. Sem dúvida, Mateus dispunha de muitas anotações para consultar quando redigiu seu Evangelho em grego. Lucas 1.1 afirma que havia "muitos" relatos escritos circulando em sua época, alguns dos quais, presumivelmente, estariam em hebraico. Se Mateus escreveu seu Evangelho primeiramente em hebraico, tal versão não foi inspirada, pois Deus não a preservou; não possuímos sequer uma cópia de um evangelho desse tipo (o mesmo vale para todos os relatos mencionados por Lucas).

Se Jesus ensinava em hebraico, por que, então, Marcos utiliza o aramaico ao reproduzir algo que Jesus disse? Não sei; eu não estava lá. No entanto, visto que Marcos escreveu seu Evangelho para um público romano, é possível que ele tenha optado por usar o termo cognato muito mais conhecido e utilizado. O mesmo raciocínio poderia aplicar-se também aos outros Evangelhos. Seja como for, o uso do aramaico por Marcos invalida a teoria de que seu Evangelho teria sido escrito originalmente em aramaico. Um original em aramaico não conteria tais inserções e, portanto, uma tradução fiel também não as apresentaria. Segue-se que Marcos certamente não redigiu seu Evangelho em aramaico.

Cito aqui novamente o Dr. Tyler:

> Essa ideia de “prioridade aramaica” baseia-se numa premissa falsa. A língua hebraica <u>não</u> morreu imediatamente após o cativeiro babilônico. Malaquias e os outros livros pós-cativeiro escritos em hebraico <u>não</u> foram escritos numa língua morta. Nem o NT está errado quando menciona a língua hebraica nove vezes. A NVI, e não o NT, está errada neste ponto – a NVI na maioria das vezes “corrige” o texto para dizer aramaico. As cartas Bar-Kokhba de 132 d.C. foram escritas em hebraico mishnaico, que não era uma língua artificial criada pelos rabinos, mas era uma língua viva. O aramaico era aparentemente a língua apenas de alguns judeus da classe alta que viviam na Terra de Israel no primeiro século. Essa coisa aramaica é apenas mais da apostasia destes últimos dias.

Realmente parece estranho dizer que o Espírito Santo teria levado os profetas do período pós-exílio a escrever Escritura em uma língua "morta". Sendo linguista

(PhD), eu diria que quem estuda línguas vivas sabe que um idioma desse tipo simplesmente não desaparece em uma geração, e nem mesmo em duas — especialmente quando conta com milhares de falantes. As mães hebreias no exílio certamente conversavam com seus filhos em hebraico. Havia também os judeus que permaneceram na terra e continuavam falando hebraico. E quanto ao grupo que levou o pobre Jeremias para o Egito (Jeremias 45.28)? Que motivo teriam eles para falar aramaico?

Considere também Ester 1.22: “Então ele enviou cartas a todas as províncias do rei, a cada província na sua própria escrita e a cada povo na sua própria língua, que todo homem fosse senhor em sua própria casa e falasse a língua do seu próprio povo.” Observe, então, especialmente a última parte: evidentemente, não era política dos persas tentar coagir os povos subjugados a usar a língua oficial. Pelo contrário, o uso da língua materna parece ter sido incentivado. Isso também contraria a ideia de que os judeus no exílio deixaram de falar hebraico. Além disso, houve a ascensão dos judeus sob a liderança de Mardoqueu, a ponto de “muitos do povo da terra se tornarem judeus” (Ester 8.17). Como poderiam fazer isso sem aprender a falar hebraico?

Como já escrevi em outro lugar, cerca de 50% dos manuscritos gregos conhecidos do Novo Testamento, incluindo a Família 35 (90% de seus representantes), contêm colofões afirmando que o Evangelho de Mateus, em grego, foi "publicado" no ano 38 d.C.; o de Marcos, em 40; o de Lucas, em 45; e o de João, em 62. Naturalmente, não temos como provar a veracidade dessas informações (nem ninguém pode provar o contrário). No entanto, os fragmentos do Novo Testamento em grego encontrados na caverna 7 de Qumran datam de aproximadamente 50–60 d.C. A caverna foi presumivelmente lacrada por volta de 68 d.C. (certamente até 70 d.C.), e os manuscritos haviam sido trazidos de outro lugar. Que motivo possível teriam os essênios para traduzir um original em aramaico ou hebraico para o grego?!

Convido o leitor a prestar atenção à discussão acadêmica sobre esses fragmentos apresentada pelo Dr. William R. Cooper (*The Authenticity of the New Testament Fragments from Qumran*, 2016). Ele defende as seguintes identificações: 7Q4 = 1 Timóteo 3.16 – 4.3; 7Q5 = Marcos 6.52-53; 7Q6.1 = Marcos 4.28; 7Q6.2 = Atos 27.38; 7Q7 = Marcos 12.17; 7Q8 = Tiago 1.23-24; 7Q9 = Romanos 5.11-12; 7Q10 = 2 Pedro 1.15; 7Q15 = Marcos 6.48; 7Q19 = um possível comentário sobre Romanos (os fragmentos 1, 2 e 3 não são do Novo Testamento; os fragmentos 11, 12, 13, 14, 16, 17 e 18 são pequenos demais para identificação). Os quatro fragmentos de Marcos foram escritos por quatro mãos diferentes, o que levanta uma pergunta interessante: por que os essênios preservaram quatro cópias do mesmo livro? Seja qual for a resposta, temos aqui livros de **cinco** autores diferentes! Se são cópias, os

exemplares originais devem ser ainda mais antigos. Simplesmente não há tempo suficiente para a existência de originais hipotéticos em aramaico.

Clemente, bispo de Roma no ano 96 d.C., escreveu em grego e citou diversas passagens do Novo Testamento grego; o mesmo ocorreu com Policarpo (c. 115 d.C.), Justino Mártir (c. 150 d.C.), Irineu (c. 180 d.C.), etc. Uma parcela significativa dos escritos deles que chegaram até nós foi produzida em oposição a hereges, e eles citavam o Novo Testamento como autoridade. Se os originais dos livros do Novo Testamento tivessem sido escritos em hebraico ou aramaico, esses líderes certamente teriam recorrido a eles, visto que constituíam a sua autoridade máxima (tais originais teriam menos de um século de existência). No entanto, não há uma única menção a quaisquer originais em aramaico, ou algo do gênero, o que significa que eles não existiram. O Novo Testamento foi, sem dúvida, escrito em grego, por razões bem conhecidas.

Quanto à Peshitta, seu texto é basicamente bizantino, embora não totalmente, e lhe faltam alguns livros canônicos (supridos pela versão Harkleana). É certamente uma tradução melhor do que a latina, mas não deixa de ser apenas uma tradução. A falha fundamental na teoria da prioridade do aramaico é que ela não passa de uma teoria; não há evidências objetivas que a sustentem. É claro que as pessoas podem acreditar no que quiserem, mas nós temos todo o direito de exigir evidências.